

Profecias do Bandarra, Sapateiro de Trancoso

Dedicatória
a Dom João de Portugal, bispo da Guarda

SENTE BANDARRA
AS MALDADES DO MUNDO
E PARTICULARMENTE
AS DE PORTUGAL

I

Como nas Alcaçarias
Andam os couros às voltas,
Assim vejo grandes revoltas
Agora nas Cleresias.

II

Como usam de Simonias
E adoram os dinheiros,
As Igrejas, pardieiros,
Os corporais por mais vias.

III

O sumagre com a cal
Faz os couros ser mociços,
Ah! Quantos há maus noviços
Nessa Ordem Episcopal.

IV

Porque vai de mal a mal
Sem ordem nem regimento,
Quebrantam o mandamento,
Cumprem o mais venial.

V

Também sou oficial
Sei um pouco de cortiça
Não vejo fazer justiça
A todo o mundo em geral.

VI

Que agora a cada qual
Sem letras fazem Doutores,
Vejo muitos julgadores,
Que não sabem bem, nem mal.

VII

Borzeguins para calçar
Hão-de ser de cordovães.
Notários, Tabaliães
Tem o tento em apanhar.

VIII

Vê-los-eis a porfiar
Sobre um pobre ceitel,
E rapar-vos por um mil
Se vo-los podem rapar.

IX

Também sei algo brunir
Quaisquer laços de labores:
Bacharéis, Procuradores
Aí vai o perseguir.

X

E quando lhe vão pedir
Conselho os demandões,
Como lhe faltam tostões,
Não os querem mais ouvir.

XI

Há-de ser bem assentada
A obra dos chapins largos,
A linhagem dos Fidalgos
Por dinheiro é trocada.

XII

Vejo tanta misturada
Sem haver chefe que mande;
Como quereis, que a cura ande,
Se a ferida está danada?

XIII

Tenho uma gentil sovela,

Com que coso mui direito:
Se a mulher não desse jeito,
Não olhariam para ela.

XIV

Em que seja uma donzela
Nobre, casta e oradora
Ela é a causadora,
Do que acontecer por ela.

XV

Sei também mui bem coser
Uns borzequins Cordoveses;
Todos os trajos Franceses
Quem quer os quer já trazer.

XVI

Os que não têm que comer
Fazem trajas mui prezados,
Ficam pobres, Lazarados
Por outros enriquecer.

SONHO PRIMEIRO
QUE FINGE A MODO PASTORIL

XVII

Vejo, vejo, direi, vejo
Agora que estou sonhando,
Semente d'El-Rei Fernando
Fazer um grande despejo.

XVIII

E seguir com grão desejo,
E deixar a sua vinha,
E dizer esta casa é minha
Agora que cá me vejo.

XIX

A cerca dos Grecianos
Corrê-la-ão os Latinos,
Serão contrários os signos
A todos os Arrianos.

XX

Também os Venezianos
Com as riquezas que tem,
Virá o Rei de Salém
Julgá-los-á por mundanos.

XXI

Já os lobos são ajuntados
D'alcateia na montanha,
Os gados tem degolados,
E muitas alobejados
Fazendo grande façanha.

XXII

O Pastor Mor se assanha:
Já ajunta seus ovelheiros
E esperta sua campanha
Com muita força, e manha
Correrá os pegureiros.

XXIII

Depois já de apercebidos,
 E as montanhas salteadas
 Por homens muito sabidos,
 E pastores mui escolhidos,
 Que sabem as pisadas.

XXIV

Armar-lhe-ão nas passadas
 Trampas, cepos de azeiros,
 Atalaias nas estradas.
 E bestas nas ameijoadas
 Com tiros muito ligeiros.

FIGURAS DO SONHO

XXV

Virá o Grande Pastor,
 Que se erguerá primeiro,
 E Fernando tangedor,
 E Pedro bom bailador,
 E João bom ovelheiro.

XXVI

E depois um estrangeiro,
 E Rodoão que esquecia,
 E o nobre pastor Garcia,
 E André mui verdadeiro:
 Entrarão com alegria.

PASTOR MOR

XXVII

Aquela vaca, que berra,
 Porque está assim berrando?

ANDRÉ

XXVIII

É porque desce da serra,
 Não conhece bem a terra,
 E por isso está bramando.

XXIX

Esta é a vaca, Fernando,
 Mais do grão touro fuscado,
 Que não se acha neste bando,
 Tem razão de estar berrando,
 Que não sabe onde é lançado.

PASTOR MOR

XXX

Ajunte-se o vacum
 Aqui neste verde prado,
 E também o ovelhum,
 E conte o seu cada um,
 Ver-se-á a quem falta gado.

PEDRO

XXXI

Todo já tendes contado,
 Do vacum achamos menos:
 Um touro esmadrigado,
 E um fuso, que era rosado;
 Do ovelhum nada sabemos.

PASTOR MOR

XXXII

Oh! que dor do coração!
 Oh! que dor! Oh! que pesar!
 Oh! que grão tribulação!
 Arredemos a paixão,
 Pois se não pode cobrar.

XXXIII

Seus filhos devemos criar,
 Os quais mui bem guardaremos,
 Ficarão em seu lugar,
 Tudo lhe havemos de dar
 Pelo bem, que lhe queremos.

XXXIV

Por honra de tal memória
 Não haja aqui mais tristura,
 Antes cantemos com glória,

Que fique sempre em memória
Aprovando a Escritura.

XXXV

Pois se cumpra a figura,
E nós outros bem o vemos:
Pois que já tudo se apura,
Ao Senhor da altura
Com prazer mil graças demos.

XXXVI

Tanja-se a fruta maior
Ajunte-se todo o rebanho,
E eu como vosso Pastor,
Com mui grão sobra de amor
Vamos partir o ganho.

XXXVII

Tudo nos é sufraganho
Montes, vales e pastores,
E repunham os bailadores,
Que não entre aqui estranho.

XXXVIII

Fernando tanja a guitarra,
Tu, João, o arrabil,
Pousa teu surrão, e vara,
Alegra bem tua cara,
Em tal bailo pastoril.

XXXIX

E Pedro, que é mais subtil
Entre, e baile com florença,
Já que é dama gentil,
É mui bem que lhe pertença.

XL

André baile com Pasquala,
E venha após a primeira,
Antes de meter mais fala
Entre, e baile esta zagala,
Em que sempre é referteira.

XLI

Sempre foi mui agoureira
Com os estranhos dançar

E pois está tão cantadeira,
 Não seja ela a derradeira,
 Venha logo a bailar.

XLII

Há-de ser mui de louvar
 Este auto, que aqui temas,
 E a todo que bailar
 Hão-lhe muito bem de pagar
 E assim lhe prometemos.

XLIII

Sus! antes de mais extremos
 Baile Fernando, e Constança,
 E pois que tudo já vemos,
 Pelo bem que lhe queremos
 Seja ele o mestre de dança.

XLIV

João, o bom ovelheiro,
 Sempre foi nobre Pastor,
 Não se conte derradeiro,
 Pois é igual ao primeiro,
 Este baile com Leonor.

XLV

Sempre foi bom guardador
 Do gado, que lhe entregaram,
 Mui grande acometedor,
 E mui grande corredor
 Dos lobos, que o acossaram.

XLVI

Por não ficar em olvido
 O nobre Pastor Garcia,
 Que sempre foi atrevido,
 E de nós muito querido,
 Este baile com Mecia.

XLVII

Pois é de alta valia,
 Dêmos-lhe outro montado,
 O monte que reluzia,
 Aonde faça a bailia,
 E paste bem o seu gado.

RODOÃO

XLVIII

Todos já tendes partido,
 Todos os montados dais,
 Eu que fui de vós querido,
 E dos lobos mui ferido,
 De mim já vos não lembrais?

PASTOR MOR

XLIX

Ainda fica mais, e mais,
 Vossos gados pastarão
 Ficam terras de chão tais
 Os vales, e piornais,
 Tudo vos dou, Rodoão.

L

Também ficam umas ladeiras
 De ervas mui saboridas
 Onde saem umas ribeiras
 Que regam muitas lameiras
 Com águas esclarecidas.

LI

Aquelas serras erguidas,
 Onde está a nobre montanha,
 Pois por nós foram havidas
 E até agora perdidas,
 Fiquem a toda a companha.

LII

Aquele vale de além
 É o vale de Salém,
 Onde acho que muitos tem
 Grande virtude, e valor.

GARCIA

LIII

Já mataram o grão Pastor,
 Por inveja o mataram:

Porque era bom guardador
Das ovelhas bom criador;
Por cobiça o acabaram.

FERNANDO

LIV

Os bailos são acabados,
Senhor, vamos a jantar.
Que dos trabalhos passados
Muitos há aqui desmaiados,
Que convém de repousar.

LV

Se algo lhe quereis dar,
Sobre mesa lhe daremos,
Onde bem pode mandar,
E o seu gado bem pastar,
Que assim por bem o temos.
Cai no bailo de João.

PEDRO

LVI

Também lá naquela altura
Está um lobo uivando,
E no meio da espessura
Um bufo está bufando,
E um mocho está cantando,
E André está sentindo
Não bailar como Fernando.

JOÃO

LVII

Também Pedro, por quem procuro,
É um barão singular,
Que no claro, e no escuro
Sempre bailou mui seguro,
E há-de ficar sem lhe dar?

PASTOR MOR

LVIII

Pois vá o ele cercar,
 E far-lhe-ão grandes danos;
 I-lo-emos ajudar,
 Até poder sujeitar
 Os cavalos Marianos.

LIX

Ao redor da grão cabana
 Naqueles montes erguidos,
 No vale que se diz Cana,
 Ouvimos esta semana,
 Lobos que andam fugidos,
 Dando grandes alaridos,
 Fazendo grande agonia,
 Muitos mortos, e feridos,
 E outros andam perdidos.
 Caem no bailo de Garcia.

PASTOR MOR

LX

Quem mete ao estrangeiro
 Cá no meu nobre assento,
 Pois o defendi primeiro,
 Pois que do meu vencimento
 Lhe pesa mui por inteiro?

ESTRANGEIRO

LXI

Em que vos hei ofendido
 E de mim sois anojado?

PASTOR MOR

LXII

É porque te hei requerido,
 Mil vezes cometido,
 E tu sempre desmandado:
 E porque estás abraçado
 Com os meus competidores,
 E com eles aliado,
 Não mereces ter montado
 Com estes nobres Pastores.

LX III

Tu me hás sido revel
 Contra os meus ovelheiros,
 Abraçado com Babel
 Mui descrido e cruel,
 Contra os meus pegureiros.
 Minhas ovelhas, carneiros,
 Não lhe tinhas lealdade
 Degolavas meus cordeiros,
 Derrubavas meus chiqueiros,
 Negavas-me a verdade.

ANDRÉ

LXIV

Ide-vos, Pastor, mui embora,
 Grande mercê nos fareis,
 Que vos vades logo essa hora,
 E depois que fordes fora,
 Alguma razão tereis.

JOÃO

LXV

Para aqui vos saireis,
 Mentos o Pastor dá volta,
 Que depois não podereis
 E quiçais nos metereis
 Nalguma grande revolta.

FERNANDO

LXVI

Não te queiras mais deter,
 Busca jogos, e harmonias,
 Por onde tomes alegrias
 Antes que hajam de volver.
 Oh! Senhor, tomei prazer
 Que o grão Porco selvagem
 Se vem já de seu querer,
 Meter em vosso poder
 Com seus portos, se passagem.

LXVII

Em os campos de Tropé
 Vossa frauta tangereis
 E nas terras de Tomé
 E nas terras de Tomé,
 Todos nelas bailareis,
 Com os filhos de Ulisse,
 Que gostam nosso tanger.
 Nenhum porco roncará,
 Nenhum lobo uivará
 Senão por vosso querer.

*Prognostica o autor os males de Portugal,
 canta suas glórias com a aclamação do na Encoberto*

LXVIII

Forte nome é Portugal,
 Um nome tão excelente,
 É Rei do cabo poente,
 Sobre todos principal.
 Não se acha vosso igual
 Rei de tal merecimento:
 Não se acha, segundo sento,
 Do Poente ao Oriental.

LXIX

Portugal é nome inteiro,
 Nome de macho, se queres:
 Os outros Remos mulheres,
 Com ferro sem azeiro;
 E senão olha primeiro,
 Portugal tem a fronteira,
 Todos mudam a carreira
 Com medo do seu rafeiro.

LXX

Portugal tem a bandeira
 Com cinco Quinas no meio,
 E segundo vejo, e creio,
 Este é a cabeceira,
 E porá sua cimeira,
 Que em Calvário lhe foi dada,
 E será Rei de manada
 Que vem de longa carreira.

LXXI

Este Rei tem tal nobreza,

Qual eu nunca vi em Rei:
 Este guarda bem a lei
 Da justiça, e da grandeza.
 Senhoreia Sua Alteza
 Todos os portos, e viagens,
 Porque é Rei das passagens
 Do Mar, e sua riqueza.

LXXII

Este Rei tão excelente,
 De quem tomei minha teima,
 Não é de casta Goleima,
 Mas de Reis primo, e parente.
 Vem de mui alta semente
 De todos quatro costados,
 Todos Reis de primos grados
 De Levante até ao Poente.

LXXIII

Serão os Reis concorrentes,
 Quatro serão, e não mais;
 Todos quatro principais
 Do Levante ao Poente.
 Os outros Reis mui contentes
 De o verem Imperador,
 E havido por Senhor
 Não por dádivas, nem presentes.

LXXIV

Comendadores, Prelados,
 Que as Igrejas comeis,
 Traçareis, e volvereis
 Por honra dos Três Estados.
 E os mais serão taxados;
 Todos contribuirão
 E haverá grão confusão
 Em toda a sorte de estados.

LXXV

Já o Leão é experto
 Mui alerta.
 Já acordou, anda caminho.
 Tirará cedo do ninho
 O porco, e é mui certo.
 Fugirá para o deserto,
 Do Leão, e seu bramido,
 Demonstra que vai ferido
 Desse bom Rei Encoberto.

LXXVI

Uma porta se abrirá
 Num dos Remos Africanos,
 Contrária aos Arrianos,
 Que nunca se cerrara.
 A vaca receberá
 A nova gente que vem,
 Com prazer de tanto bem
 Seu leite derramará.

LXXVII

A lua dará grão baixa,
 Segundo o que se vê nela,
 E os que têm lei com ela:
 Porque se acaba a taixa.
 Abrir-se-á aquela caixa,
 Que até agora foi cerrada,
 Entregar-se-á à forçada
 Envolta na sua faixa.

LXXVIII

Um grão Leão se erguerá,
 E dará grandes bramidos:
 Seus brados serão ouvidos,
 E a todos assombrará;
 Correrá, e morderá
 E fará mui grandes danos,
 E nos Remos Africanos
 A todos sujeitará.

LXXIX

Passará, e dará bocado
 Na terra da Promissão,
 Prenderá o velho Cão,
 Que anda mui desmandado.

LXXX

De perdões, e orações
 Irá fortemente amado,
 Dará neles S. Tiago,
 Na volta que faz depois.

LXXXI

Entrará com dois pendões
 Entre os porcos sedeúdos,

Com fortes braços, e escudos
De seus nobres infanções.

*Introduz o autor poeticamente dois judeus,
que vêm buscar o Pastor Mor,
um chamado Fraim e outro Dão,
e acham Fernando ovelheiro à porta*

FRAIM

LXXXII

Dizei, Senhor, poderemos
Com o grão Pastor falar?
E daqui lhe prometemos
Ricas jóias que trazemos
Se no-las quiser tomar.

FERNANDO

Judeus que lhe haveis de dar?

JUDEUS

LXXXIII

Dar-lhe-emos grande tesouro
Muita prata, muito ouro,
Que trazemos de além-mar.
Far-nos-eis grande mercê
De nos dardes vista dele.

FERNANDO

LXXXIV

Entraí, Judeus, se quereis,
Bem podeis falar com ele,
Que lá dentro o achareis.

LXXXV

Tomará com seu poder,
E grão saber,
Todos os portos de além,
Marrocos, e Tremecém,

E Fez também:
 Fará tudo a seu querer,
 Vê-lo-ão a cometer
 Pelo deter,
 Que querem ser tributários,
 E lhe querem dar dinheiros,
 Lisonjeiros
 Os quais não deve querer.

LXXXVI

E depois da Embaixada
 Declarada,
 Antes que cerrem quarenta,
 Erguer-se-á a grão tormenta,
 Do que intenta,
 E logo será amansada,
 E tomarão a estrada
 De calada,
 Não terão quem os afoite,
 Dar-lhe-ão aquela noite
 Tal açoite,
 Que a Fé seja exalçada.

LXXXVII

Já o tempo desejado
 É chegado,
 Segundo o firmal assenta:
 Já se cerram os quarenta,
 Que se ementa,
 Por um Doutor já passado.
 O Rei novo é alevantado,
 Já dá brado;
 Já assoma a sua bandeira
 Contra a Grifa parideira,
 Lá gomeira,
 Que tais prados tem gostado.

LXXXVIII

Saia, saia esse infante
 Bem andante,
 O seu nome é D. João,
 Tire, e leve o pendão,
 E o guião
 Poderoso, e triunfante.
 Vir-lhe-ão novas rum instante
 Dasquelas terras prezadas.,
 As quais estão declaradas,
 E afirmadas
 Pelo Rei dali em diante.

LXXXIX

Não acho ser deteúdo
 O agudo,
 Sendo ele o instrumento,
 Não acho, segundo sento
 O excelente
 Ser falso no seu Escudo.
 Mas acho, que o Lanudo
 Mui sezudo,
 Que arrepelará o gato,
 E far-lhe-á murar o rato,
 De seu fato
 Leixando o todo desnudo.

XC

Não tema o Turco, não
 Nesta sezão,
 Nem o seu grande Mourismo,
 Que não recebeu bautismo,
 Nem o crismo,
 É gado de confusão.
 Firmal põe declaração
 Nesta tenção,
 Chama-lhes animais sedentos
 Que não têm os mandamentos,
 Nem sacramentos;
 Bestiais são, sem razão.

XCI

Em que venham mais, e mais,
 Dos bestiais,
 Pelo que mostra a figura,
 Haverão a sepultura
 Da amargura
 Como brutos animais.
 Que se o texto bem olhais,
 E declarais
 Com fundas serão feridos,
 Todos mortos, confundidos
 Nos abismos infernais.

XCII

As chagas do Rendentor,
 E salvador
 São as armas de nosso Rei:
 Porque guarda bem a Lei,
 E assim a grei
 Do mui alto Criador,
 Nenhum Rei, e Imperador,

Nem grão Senhor
Nunca teve tal sinal,
Como este por leal,
E das gentes guardador.

XCIII

As armas, e o pendão,
E o guião
Foram dadas por vitória
Daquele alto Rei da Glória
Por memória
A um Santo Rei barão.
Sucedeu a El-Rei João,
Em possessão
O Calvário por bandeira,
Levá-lo-á por cimeira,
Alimpará a carreira
De toda a terra do Cão.

SONHO SEGUNDO

XCIV

Oh! Quem tivera poder
Para dizer,
Os sonhos que o homem sonha!
Mas hei medo, que me ponha
Grão vergonha
De mos não quererem crer.
Vi um grão Leão correr
Sem se deter
Levar sua viagem,
Tomar passagem,
Sem nada lho defender.

XCV

Tirá toda a escória
Será paz em todo o Mundo,
De quatro Reis o segundo
Haverá todo a vitória.

XCVI

Será dele tal memória
Por ser guardador da lei,
Polas armas deste Rei
Lhe darão triunfo, e glória.

XCVII

Trinta e dois anos e meio
Haverá sinais na terra;
A Escritura não era;
Que aqui faz o conto cheio.

XCVIII

Um dos três que vão arreo
Demonstrar ser grão perigo;
Haverá açoite, e castigo
Em gente que não meneio.

XCIX

Já o tempo desejado
É chegado
Segundo o firmal assenta

Já se passam os quarenta
 Que se ementa
 Por Doutor já passado.
 O Rei novo é acordado
 Já dá brado:
 Já arressoa o seu pregão
 Já Levi lhe dá a mão
 Contra Siquém desmandado.
 E segundo tenho ouvido,
 E bem sabido,
 Agora se cumprirá:
 A desonra de Dina
 Se vingará
 Como está prometido.

C

O Rei novo és escolhido
 E elegido,
 Já alevanta a bandeira
 Contra a Grifa parideira
 Que tais pastos tem comido;
 Porque haveis de notas,
 E assentar
 Aprazendo ao Rei dos Céus
 Trará por ambas as Leis,
 E nestes seis
 Vereis coisas de espantar.

CI

O néscio quer afirmar,
 E declarar
 Desde seis até setenta
 Que se ementa,
 Do Rei que irá livrar.
 Louvemos este Barão
 Do coração,
 Porque é Rei de Direito;
 Deus o fez todo perfeito
 Dotado de perfeição.

CII

Este Rei tem um Irmão,
 Bom capitão.
 Não se sabe a irmandade?
 Todo é nobre, em bondade;
 E na verdade
 Que sairá com o pendão.

CIII

Muitos estão desejando,
 E altercando,
 Se o meu dito será certo,
 Se de longe, se de perto?
 E sobre o tal praticando
 Aquele grão Patriarca
 No-lo mostra, e está falando,
 E declara o grão Monarca:
 Ser das terras, e comarca,
 Semente del Rei Fernando.

CIV

Este Rei de grão primor,
 Com furor,
 Passará o mar salgado
 Em um cavalo enfreado,
 E não selado,
 Com gente de grão valor.

CV

Este diz, socorrerá,
 E tirará,
 Aos que estão em tristura,
 Desde, conta a Escritura,
 Que o campo despejará,
 Os Fidalgos estimados,
 E desprezados,
 Que até agora são corrigidos,
 Com o tal serão erguidos,
 E mui queridos,
 E com os Reis estimados.

CVI

Se lerdas as Profecias
 De Jeremias,
 Irão dos cabos da terra
 Tomar os Vales, e Serra,
 Pondo guerra,
 E tirar as heresias,
 Derrubar as Monarquias,
 E fantasias
 Serão bem apontoadas,
 Serão todas derrubadas,
 Desconsoladas

Fora das possentadorias.

CVII

Ainda mais profetizando,
E declarando:
Seus pequenos das manadas,
Derrubar-lhe-ão as moradas
Bem entradas,
E assim o vai mostrando.
Já o Leão vai bradando,
E desejando
Correr o porco selvagem,
E tomá-lo-á na passagem
Assim o vai declarando.

CVIII

Muitos podem responder,
E dizer:
Com que prova o sapateiro
Fazer isto verdadeiro,
Ou como isto pode ser?
Logo quero responder
Sem me deter.
Se lerdes as Profecias
De Daniel e Jeremias
Por Esdras o podeis ver.

SONHO TERCEIRO

CLX

Oh! quem pudera dizer,
Os sonhos que o homem sonha!
Mas eu hei grão vergonha
De nos não quererem crer.

CX

Sonhava com grão prazer,
Que os mortos ressuscitavam,
E todos se alevantavam,
E tornavam a renascer.

CXI

E que via aos que estão
Trás os rios escondidos;
Sonhava, que eram saídos
Fora daquela prisão.

CXII

Vi ao Tribo de Dão
Com os dentes arreganhados,
E muitos despedaçados
Da Serpente, e do Dragão.

CXIII

E também vi a Rubem
Com grão voz de muita gente,
O qual vinha mui contente
Cantando, Jerusalém.

CXIV

Oh! quem vira já Belém
E esse monte de Sião
E visse o Rio Jordão
Para se lavar mui bem!

CXV

Vi também a Simeão
Que cercava, todas as partes
Com bandeiras, e estandartes

Neftalim, e Zabulão.

CXVI

Gad vinha por capitão
Desta gente que vos falo
Todos vinham a cavalo,
Sem haver um só pião.

CXVII

Eu por mais me afirmar,
E ver se estava acordado
Vi um velho mui honrado,
Que me vinha a perguntar.

CXVIII

Dize-me, tu és de Agar,
Ou como falas cananeu?
Ou és porventura hebreu
Dos que nós vimos buscar?

CXIX

Tudo o que me perguntais
(Respondi assim dormente)
Senhor, não sou dessa gente,
Nem conheço esses tais.

CXX

Mas segundo os sinais
Vós sois do povo cerrado,
Que dizem estar ajuntado
Nessas partes Orientais.

CXXI

Muitos estão desejando
Serem os povos juntados:
Outros muito avisados
O estão arreceando.

CXXII

Arreceiam vir no bando
Esse Gigante Golias
Mas por ver Henoc, e Elias
Doutra parte estão folgando.

CXXIII

Dizei-me, nobre Barão,
Pergunto, se sois contente,
Dizer-me vossa semente
Se é da casa de Abraão?

CXXIV

Que eu sam dessa geração
Saí da Tribo de Levi,
Sacerdote como Heli,
O meu nome é Arão.

CXXV

Eu quisera-lhe responder,
E tocar-lhe em a Lei,
Senão nisto acordei
E tomei grande prazer.

CXXVI

E depois de acordado
Fui a ver as Escrituras,
E achei muitas pinturas
E o sonho afigurado.

CXXVII

Em Esdras o vi pintado,
E também vi Isaías,
Que nos mostra nestes dias
Sair o povo cerrado.

CXXVIII

O qual logo fui buscar
A Got, Magot, e Ezequiel,
As Domas de Daniel
Comecei de as olhar;
E achei no seu cantar
Segundo o que representa;
E assim Gad, como Agar,
Que tudo se há-de acabar
Dizendo: cerra os setenta.

*Resposta do Bandarra a algumas perguntas que lhe fizeram,
e da resposta delas se conhecem quais foram*

CXXIX

Os tempos que já se vem
Porque, Senhor, perguntais,
Mui grande segredo tem,
Que muitos dizem Amen,
Mais se calam mais e mais.

CXXX

O mais está por cumprir,
O que a minha conta soma:
Porque de partir a vir
O texto se há-de cumprir
Primeiro, Senhor, em Roma.

CXXXI

E nestes trezentos dias,
Senhor, que agora contamos
Se contem as Profecias
De Daniel, e Jeremias,
Nas quais agora entramos.

CXXXII

E depois de eles entrarem
Tudo será já sabido,
Aqueles que aos seis chegarem,
Terão quanto desejarem,
E um só Deus será conhecido.

CXXXIII

Convosco falo estas cousas,
Como com um grande letrado,
As umas são perigosas,
E as outras duvidosas
Ainda não hão começado.

CXXXIV

Antes destas cousas serem
Desta era que dizemos,
Muitas grandes cousas veremos,
Quais não viram os que viveram,

Nem vimos, nem ouviremos.

CXXXV

Sairá o prisioneiro
Da nova gente que vem
Dessa Tribo de Rubem,
Filho de Jacob primeiro
Com tudo o mais que tem.

CXXXVI

O mocho está assobiando,
Dizendo e chamando bois,
E com medo de depois,
Tudo se está arreceando.

CXXXVII

Os dois bois estão berrando,
Pelo tirar da barroca,
Que não entre na sua toca
O Bufo, que está bufando.

CXXXVIII

Acho em as Profecias
Que a terra tremerá
E como abóbada soará
Quando faz harmonias.

CXXXIX

Dizem, que nos últimos dias,
Que aquestas cousas serão,
A vinte e quatro acharão
Este dito de Isaías.

CXL

Vejo os lobos comer
As ovelhas degoladas
E as vacas mortas montadas
E os cordeiros gemer.

CXLI

Não deve a terra tremer
Mas fundir-se sem tardança,
Pois os que têm a governança

Os não querem defender.

CXLII

Vejo o mundo em perigo,
Vejo gentes contra gentes;
Já a terra não dá sementes
Senão favacas por trigo.

CXLIII

Já não nenhum amigo,
Nenhum tem o ventre são,
Somos já vento são
Que não tem nenhum abrigo.

CXLIV

Vejo quarenta e um ano
Pelo correr do cometa,
Pelo ferir do planeta
Que demonstra ser grão dano.

CXLV

Vejo um grande Rei humano
Alevantar sua bandeira,
Vejo como por peneira
A Grifa morrer no cano.

CXLVI

Vejo o lobo faminto
Concertado cos rafeiros:
Os pastores, e ovelheiros
São de um consentimento.

CXLVII

Acho cá no instrumento,
Que virá um contador
Tomar conta ao pastor
E pagará um por cento.

CXLVIII

Resolvi o meu canhenho
Sabre este forte barão
Não lhe acho nenhum senão;
Dizer dele muito tenho.

CXLIX

Vejo um alto engenho
 Em uma roda triunfante,
 Vejo subir um Infante
 No alto de todo o lenho.

CL

Vejo erguer um grão Rei
 Todo bem aventurado,
 E será tão prosperado,
 Que defenderá a grei.

CLI

Este guardará a Lei
 De todas as heresias,
 Derrubará as fantasias
 Dos que guardam, o que não sei.

CLII

Vejo sair um fronteiro
 Do Reino detrás da serra,
 Desejoso de pôr guerra
 Esforçado cavaleiro.

CLIII

Este será o primeiro,
 Que porá o seu pendão
 Na cabeça do Dragão,
 Derrubá-lo-á por inteiro.

CLIV

Acho, que depois virá
 Às ovelhas dum pastor
 Mui manso, e bom guardador,
 Que o fato reformara.

CLV

Este pastor lhe dará
 A comer erva mui sã,
 E de suas ovelhas, e lã
 Ao mesmo Deus vestirá.

CLVI

Todos terão um amor,
Gentios como pagãos,
Os Judeus serão Cristãos,
Sem jamais haver error.

CLVII

Servirão um só Senhor
Jesus Cristo, que nomeio,
Todos crerão, que já veio
O Ungido Salvador.

CLVIII

Tudo quanto aqui se diz,
Olhem bem as Profecias
De Daniel, e Jeremias,
Ponderem-nas de raiz.

CLIX

Acharão, que nestes dias
Serão grandes novidades,
Novas leis, e variedades,
Mil contendadas, e porfias.

TERCEIRO CORPO DAS PROFECIAS
DE GONÇALO ANNES BANDARRA

Neste terceiro corpo das suas Trovas aplica-se o Bandarra a desvendar misteriosamente grandes movimentos das nações, culminâncias da civilização. De todos os «corpos» de que se compõem as profecias de Bandarra, é este o mais ordenadamente disposto, em os seus seis sonhos e a introdução que os abre.

É de notar que nos outros corpos das trovas Bandarra se ocupa de factos nítidos, precisos, concretos, sempre, é claro, de importância para o país, não sempre porém os de mais importância, porque há movimentos aparentemente obscuros em as nações que, por vezes, têm uma importância maior que factos que todos vêem e estão, por assim dizer, nas alturas humanas.

Fernando Pessoa

I

Em vós que haveis de ser quinto
Depois de morto o segundo,
Minhas profecias fundo
Co estas letras que aqui pinto.

II

Inda o trono está por vir,
Já vos vejo erguido cedro:
Pouco vai de Pedro a Pedro
Se a rama o tronco medir.

III

Fiz trovas de ferro, e prata,
Dignas de qualquer tesouro,
Hoje quanto faço é ouro
Que em vós, Senhor, se remata.

IV

Não conto sapatarias
Que noutros tempos sonhei
O que agora contarei
São mais altas profecias.

V

A giesta não se torce,
Muito amarga o sargaço:
Tudo quanto agora faço

São bocados de erva doce.

VI

Faço trovas mui inteiras,
Versos muito bem medidos
Que hão-de vir a ser cumpridos
Lá nas eras derradeiras.

VII

Eu componho, mas não ponho
As letrinhas no papel,
Que o devoto Gabriel
Vai riscando, quanto eu sonho.

SONHO PRIMEIRO

VIII

Vejo, mas não sei se vejo;
O certo é que me cheira
Que me vem honrar à beira
Um Grande do pé do Tejo.

IX

Formas, cabos e sovelas
Lavradinhas com primor
Mandareis abrir, Senhor,
Muitos folgarão de vê-las.

X

Mas ai! que já vejo vir
O Presbítero maior
Arriscar todo o primor
Que outra vez há-de surgir.

SONHO SEGUNDO

XI

Augurai, gentes vindouras
Que o Rei, que daqui há-de ir
Vos há-de tornar a vir
Passadas trinta tesouras.

XII

O Pastorzinho na serra
Grita que tenham cuidado,
Que se vai perdendo o gado
Por mais que gritando berra.

XIII

Desamparar o cortiço
Uma abelha mestra vejo;
As outras com muito pejo
Não têm asas para isso.

XIV

Irão tempos de lazeiras
Virão tempos de farturas
Os frades terão tristuras
Por acudirem as freiras.

XV

Este sonho que sonhei
É verdade muito certa
Que lá da Ilha encoberta
Vos há-de vir este Rei.

SONHO TERCEIRO

XVI

Sonhei que estava sonhando,
Que passados cem Janeiros
Os Portugueses primeiros
Se levantarão em bando.

XVII

Ergue-se a águia Imperial
Com os seus filhos ao rabo;
E com as unhas no cabo
Faz o ninho em Portugal.

XVIII

Põe um A pernas acima;
Tira-lhe a risca do meio,
E por detrás lha arrima,

Saberás quem te nomeio

XIX

Tudo tenho na moleira.
O passado e o futuro.
E quem for homem maduro
Há-de me dar fé inteira.

XX

Vejo sem abrir os olhos
Tanto ao longe como ao perto
Virá do mundo encoberto
Quem mate da águia os polhos.

SONHO QUARTO

XXI

Lá para as bandas do Norte
Vejo como por peneira
Levantar uma poeira
Que nos ameaça a morte.

XXII

Vosso grande capitão,
O povo errado e perverso
Já caminha com o erço,
E vós dormindo no chão.

XXIII

Na era que eu nomear
Terá fim a heresia;
Verás certa a profecia,
Se bem souberes contar.

XXIV

Põe três tesouras abertas
Diante um linhol direito
Contarás seis vezes cinco
E mais um, vai satisfeito.

XXV

Muito rijo bate o vento

Na parede da Igreja;
Alguém caída a deseja,
No levantar vai o tento.

XXVI

Mas ai! do calçado a obra
Logo requer o salário;
Porém não há muita sobra
Se não dobra o campanário.

SONHO QUINTO

XXVII

Vejo, vejo, dizer vejo,
Andar a terra ao redor;
E o borborinho sem dor
Resolve um e outro sexo.

XXVIII

Rugia a porca do sino,
O sino não badalava,
A grimpa se revirava,
E o sino andava a pino.

XXIX

Meto a sovela nas viras,
E vejo pelo buraco
Os ossos de Pêro Jaco
No penedo das mentiras.

XXX

Que belamente que soam
As Profecias direitas!
Depois que forem perfeitas
Verão que a terra povoam.

XXXI

Doutos e sandeus conhecem
Pelo volver das estrelas
Puras verdades mais belas
Que inda os Judeus não merecem.

SONHO SEXTO

XXXII

Quando o sonho é verdadeiro
Dá-se uma luz muito clara;
Sonho agora, que uma vara
Vai dando luz a um outeiro.

XXXIII

O outeiro é Portugal
E a vara castelhana
Da minha pobre choupana
Vejo esta vara Real.

XXXIV

Dará fruto em tudo santo
Ninguém ousará negá-lo,
O choro será regalo
E será gostoso o pranto.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera a partir da edição de 1866, feita no Porto, com excepção do *Terceiro Corpo*. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 1997-2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
